

Prefácio para *Passeio* (Record: 2001)

Alexei Bueno

Em seus livros anteriores, em *Aura*, em *Asa*, Renato Rezende se revelava um indiscutível mestre do poema curto, dotado de uma sobriedade quase clássica do verso, uma limpidez cristalina onde, livre de todo o prosaísmo, o poema nascia com uma naturalidade comparável com a da língua oral em seu fluxo imperceptível. Mas não se tratava, e isso era um fato importante, do poema curto vizinho ao registro pictórico, a objetividade rasa que domina boa parte da nossa poesia contemporânea. A visão do poeta era uma visão *de dentro*, uma visão *por trás*, dominada por aquela ânsia de ver em profundidade da qual emergem as filosofias e as religiões, como boa parte da arte. Os poemas de Renato Rezende buscavam ver, no espetáculo do mundo, em cada um dos incontáveis detalhes aparentemente desimportantes do seu turbulento caos, aquilo que especialmente caberia à poesia, ao verbo, apreender, sem invadir os domínios específicos das artes plásticas, e daí a sua autenticidade enquanto poesia. A iluminação que seus poemas buscavam e alcançavam era uma iluminação rigorosamente poética, e dentro dela nos encontrávamos com as especificidades do ver o mundo desse ser aleatório e irrepitível que carrega pelas nossas esquinas o nome de Renato Rezende.

Duas coisas marcavam claramente a sua poesia, uma sensibilidade do instante, e portanto do tempo, e uma sensibilidade do indivíduo – do pouco que o constitui – e portanto de toda a humanidade. Esse jogo de agora e sempre, de eu e todos, resolvia-se em alguns poemas admiráveis. Passava-se do instantâneo absoluto, muito próximo da poesia japonesa, como em

O ANJO NA CALÇADA

Douradas, rosas, azuis

na calçada

duas pétalas de flor

como asas,

borboleta

crucificada

até a aguda sensibilidade do tempo, em

SOMBRAS

Comprei uma biografia de Joan Miró
com algumas fotografias velhas, uma delas
mostra o pintor-poeta no fundo de um bar
bebendo, admirando La Chunga dançar. A foto
é escura e os dois parecem mortos.
É difícil acreditar que isso realmente aconteceu,
a sombra
de toda história mais parece um sonho.

Da mesma maneira, de um impressionante poema sobre o outro, "A Perna" – onde entra em cena um dos temas caros ao autor, o dos miseráveis das cidades, tema de grande presença na nossa poesia, obviamente pela grande e lamentável presença na nossa vida cotidiana, desde Cruz e Sousa e Augusto dos Anjos – chegávamos ao registro social, da forma menos panfletária e

voulue possível, em um poema como "Pimentões Perfeitos", e daí partíamos para a plena sensibilidade da vacuidade do eu, no poema justamente intitulado

EU

Esvaziar-me
e tornar-me nada.

Viver da mesma maneira, a mesma coisa,
em barracas ou palácios.

Ter o corpo oco, depois de cada encontro
e durante cada ato
não pensar em nada, não levar nada
para casa
não sentir nem desejo nem raiva.
Que não exista algo chamado Renato.

Nunca fazer nada.

Que Renato seja uma máscara
vazia – mas este espaço
não seja ausência, mas luminosidade.

A coisa mais pura e clara.

Em poemas como este tornava-se aliás bastante nítida a filiação de ao menos uma das sensibilidades do poeta à metafísica oriental, entre o budismo e a vedanta, mantendo-se numa linha há muito entroncada entre nós ocidentais, via Schopenhauer ou outros. Esta tentativa de ascese, esta busca de superação

da contingência do indivíduo, parece justificar, etimologicamente, a reiterada presença do nome próprio do poeta, que neste caso parece exercer coincidentemente a função de um símbolo.

Há dois poemas que julgo especialmente reveladores da concepção do seu autor. No primeiro, chamado

POEMAS

Sou ainda muito moço,
mas quando me lembro
dos tantos momentos que já vivi na minha vida
sinto que todo o passado tem sido um sonho
desaparecendo,
e quero mesmo que desapareça
e somente sobre a essência,
o supra-sumo
como cápsulas de amor preservadas em poemas.

o registro aparentemente confessional se transmuda na impessoal percepção do esvaziamento do ser, e da sua talvez única salvação – a salvação daquilo que parece constituir a sua essência irreduzível, a afetividade – através da arte. Se aí temos, nessas "cápsulas de amor preservadas em poemas", quase a declaração de uma poética pessoal, no poema que se chama

A DEVI COBERTA

No MET vi a imagem de uma deusa
coberta para reforma, mas apesar da lona
disforme sobre o seu torso,

(na minha retina interior)
eu pude ver seu rosto.
Tudo o que é verdadeiramente divino
não pode ser escondido –
como a luz dentro de cada um de nós
transborda pelo olho, presa no corpo.

encontramos a declaração explícita do que chamei de visão em profundidade, essa "retina interior" que descobre em cada coisa "o que é verdadeiramente divino" e "não pode ser escondido". Estamos, sem dúvida, perante um poeta que se entronca, em sua feição essencial, nessa raiz platônica que talvez tenha dado os mais belos frutos da literatura em nossa língua, essa linhagem – e não importa aí a origem mais oriental ou ocidental dessa filiação – que acredita em um lado de lá das coisas, no lado luminoso, no mundo das idéias puras além do nosso caos de aparências e de maldade, e à qual se ligam nomes tão diversos quanto os de Camões, Fernando Pessoa e Guimarães Rosa. Enfim, sempre em um momento ou outro a nossa poesia escapa da idiotia parnasiano-objetiva da qual realmente nunca se libertou.

E é dos materiais mais simples, mais cotidianos, como simples e cotidiana é a sua quase clássica dicção, que Renato Rezende retira as suas súbitas iluminações, como em

FORMIGAS

Talvez isso ajude a compreender o Destino
ou a Graça:
Num pátio de mármore, duas formigas
tentam escalar uma pilastra.
Mas não conseguem.

Uma desiste.
A outra prossegue,
insiste.
Até que eu
pego essa formiga com a mão
e a coloco um palmo acima do chão.

onde algumas complexas questões teológicas e metafísicas se materializam através do mais singelo dos gestos. Trata-se do processo, comum à mística e à poesia, de extrair o todo da parte, o macrocosmo do microcosmo, já que, para citar a *Tábua de Esmeralda*, "o que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é igual ao que está embaixo, para realizar os milagres de uma única coisa". E já que lembramos o aforismo básico de Hermes Trimegistos, lembraremos também a célebre quadra de Blake, quase uma síntese poética do mesmo procedimento:

To see a world in a grain of sand
And a heaven in a wild flower,
Hold infinity in the palm of your hand,
And eternity in an hour.

Enfim, depois dos admiráveis poemas curtos de *Aura* e de *Asa*, aqui abundante e voluntariamente citados, Renato Rezende parece atingir, neste *Passeio*, e sem nenhum choque com a sua maneira anterior, uma alteração de registro. Em poemas mais longos, mais diretamente entroncados na realidade física e social que nos cerca, o poeta constrói uma espécie de diário, de onde o elemento diretamente biográfico, confessional, não está ausente, antes serve de base para o exercício da mesma visão em profundidade que reconhecemos

nos livros anteriores. A partir de agora, no entanto, o cinético domina o estático, e o eu poético – que se confunde com o aleatório eu individual – reaparece numa espécie de percurso deambulatório que se resolve em dois planos, a cidade e a memória, o agora de todos e o ontem do eu.

O Rio de Janeiro é cenário e personagem deste livro, que não deixa de realizar, ao mesmo tempo, um paralelo passeio intertextual através das citações poéticas que pontilham o seu corpo. De início, uma certa lassidão domina o eu lírico:

Meio desistido de mim mesmo
caminho quase a esmo
pelo Rio de Janeiro.
...

que no entanto prossegue, com a sua aguda capacidade de olhar, pelas ruas da cidade para onde veio. E por estas páginas, levado pelo poeta, o leitor terá um encontro com o ser humano essencial e, em outro nível diverso do cotidiano, com as entidades que povoam esta cidade, os mendigos, os miseráveis, os malucos – que já apontáramos nos livros anteriores –, as ruas, as praças e as paisagens, a vida enfim, justificativa e objetivo de tudo, filtrada aqui por um eu que busca, como artista genuíno, sempre e cada vez mais ser todos, num agora cada vez mais sempre.